

Chissano volta a acusar a Renamo

ENQUANTO se aguarda para a próxima semana o reinício das conversações de Roma sobre a paz em Moçambique, o Presidente Joaquim Chissano voltou a acusar a Renamo de “manobras dilatórias e diversionistas, numa clara tentativa de ganhar tempo”.

Num banquete oferecido ao Presidente brasileiro, Fernando Collor de Mello, durante a sua visita de 24 horas a Moçambique, Chissano lamentou que, não obstante a flexibilidade manifestada pela delegação governamental na capital italiana, volvido mais de um ano de negociações directas, não tenha sido ainda possível alcançar um acordo de cessar-fogo.

“Ao negar a legitimidade do Estado moçambicano, a sua soberania, as suas instituições e as suas leis, a Renamo pretende devolver ao ponto zero todo o esforço do povo e do Governo e de toda a comunidade internacional para parar a tragédia que abala o país e a região” — sublinhou.

Ao falar especificamente da visita de Collor de Mello, o Presidente moçambicano referiu-se ao crescimento da cooperação, esclarecendo que esta vai ser alargada a áreas vitais

do desenvolvimento económico, como o carvão, agricultura, transportes, saúde, educação e formação profissional.

Segundo Collor de Mello, a participação brasileira no projecto integrado de carvão em Moatize, na província de Tete, assume fundamental importância para a economia moçambicana, tendo sido já realizado um estudo de pré-viabilidade pela companhia brasileira Vale do Rio Doce.

É necessário agora estimular as empresas dos dois países a procurarem o apoio de instituições financeiras e de cooperação internacionais, bem como de terceiros países, para a sua concretização — sublinhou.

Plano de Transportes

O Brasil vai dar assistência à elaboração do Plano Nacional de Transportes e apoiar a adopção de medidas destinadas a implementar a cooperação na área da extensão rural.

Num comunicado distribuído à imprensa, os dois presidentes salientaram que “apenas a verdadeira liberali-

zação do comércio internacional e a abertura de oportunidades comerciais nos mercados dos países desenvolvidos, para produtos e serviços de países em desenvolvimento, poderiam criar condições ideais para a reestruturação económica e financeira destes últimos, com consequências globais positivas”.

Positiva foi também considerada por observadores a meteórica deslocação de Collor de Mello a Moçambique, tendo em conta que se estabeleceram as bases para o incremento das relações e da cooperação técnica e económica, numa visita que à partida tinha um carácter particularmente político.

Collor de Mello convidou Joaquim Chissano a visitar o Brasil no próximo ano, aquando da realização da segunda Conferência sobre o Meio Ambiente, no Rio de Janeiro.

Chissano, por seu lado, condecorou-o com a Ordem da Amizade de primeiro grau, em reconhecimento do seu esforço na “defesa da liberdade, igualdade e justiça entre os homens”. ■

Teresa Lima,
em Maputo